

PASSOS
Março 2014

PÁGINA UM

TESTEMUNHO E TRANSMISSÃO

Apontamentos da intervenção de Julián Carrón na Diaconia Regional de CL

Milão, 25 de Fevereiro de 2014

Perguntemo-nos: a Escola de Comunidade sobre o capítulo VIII de *Na origem da pretensão cristã* (Lisboa, Verbo, 2002) permite enfrentar e avaliar os desafios que se abrem diante de nós? É possível estar dentro das circunstâncias com toda a medida humana da dramaticidade da vida à luz da Escola de Comunidade?

Face à realidade em que vivemos, a primeira questão que cada um de nós se deve colocar é que tipo de provocação esta produz em nós, porque a realidade provoca-nos seja como for, e nós podemos aceitar a provocação em todo o seu alcance ou reduzi-la. Cada um de nós reage a uma mesma provocação de maneiras diferentes. E então procura responder. Em cada gesto pessoal, ou comunitário, encara a questão interrogando-se sobre o que é útil ou não para responder. De facto, não basta afirmar que a realidade me provoca para que isso, por si só, me faça chegar a uma coisa objectiva que abra o eu do outro e suscite um relacionamento. Aqui cada um de nós verifica, independentemente da opinião que possamos ter, se a resposta à provocação da realidade é verdadeiramente capaz de oferecer uma resposta, de responder ao problema que me provoca e desafia.

Neste sentido, a Escola de Comunidade é um exemplo claro dessa dinâmica, porque até Jesus era provocado pela realidade: “São como ovelhas sem pastor” (Mt 9,36), dizia de facto sobre o povo, porque não tinham a noção de si mesmos, não tinham a noção da pessoa. E toda a Sua resposta é exactamente uma tentativa de responder a essa provocação. Aqui emerge o valor do capítulo VIII, porque o capítulo inteiro é uma resposta de *don* Giussani à pergunta: “Quem é Jesus?”

Desafio cada um de vocês a verificar se em todas as nossas respostas às provocações temos presentes todos os factores enunciados neste capítulo. Se o levássemos realmente a sério, começaríamos a ver se a nossa resposta tem presentes todos os factores em jogo. E poderíamos descobrir se é capaz de incitar a pessoa dentro da realidade.

É evidente que na nossa história – sem precisar, agora, de refazer toda a história – tentámos responder de muitas maneiras às provocações. E *don* Giussani sempre nos acompanhou e corrigiu em todas as nossas respostas às provocações: tentámos responder ao ‘68 com o encontro de 1973 no Palalido (para sintetizar) e *don* Giussani, perante aquela resposta, disse: essa é uma posição totalmente reactiva, não é capaz de responder adequadamente ao desafio. Nós partilhávamos com os contestatários o mesmo desejo de libertação, mas isso não bastava para a resposta ser adequada. E por isso é que, na Jornada de Início de Ano, retomámos o juízo de *don* Giussani de 1976 (“Como nasce uma presença?”, *Passos*, Novembro de 2013, p. 17).

Mas, quando, em 1982, foi publicado o primeiro Cartaz de Páscoa com o título “Cristo, Companhia de Deus ao Homem”, todos ficam lívidos – e parecia tudo já claro desde 1976. Escutemos o que diz *don* Giussani: “Durante dez anos fomos avançando, trabalhando sobre os valores cristãos e esquecendo Cristo, sem conhecer Cristo”. (*Uomini senza patria. 1982-1983*, Milão, Bur, 2008, p. 88-89). Todos podíamos achar que estávamos a seguir Cristo, mas *don* Giussani diz: atenção! É diferente. Quem teve a possibilidade de ver o vídeo transmitido neste fim de semana pela Rete4, por ocasião do aniversário de sua morte, viu que à pergunta da jornalista “O dará aos jovens? Valores?”, ele responde: “Dar-lhes não apenas valores mas, primeiro que tudo e sobretudo, a exigência de um significado último, porque se os valores não forem entendidos como o eco de um significado último, deixam até indiferentes e apenas servem para um projecto porventura parcial, político”. Não é que a pessoa pense que está fazer “política” mas, se a resposta for parcial, acaba inevitavelmente por tornar-se político em tudo quanto faz.

Por isso, mostrar a todos o Cartaz sobre Cristo foi para *don* Giussani como recuperar a origem, como um regresso à origem do Movimento. *Don* Giussani tinha-se dado conta de que no nosso agir havia algo que já não correspondia à origem; mesmo acompanhando a vida do Movimento, respondendo às provocações da vida – e não ficando em casa a olhar para o caminho! –, se estava a verificar uma perda da origem. “O Cartaz é como que a recuperação da origem, é como que um regresso à origem do Movimento”. De facto, tinha-se “dado por adquirido aquilo para que o Movimento nasceu” (*id.*, p. 27). “O Cartaz apresentou a origem (...), apresentou o Movimento no seu momento original” (*id.* p. 61). Portanto estão a ver que nem todas as respostas às provocações são adequadas, a nossa história ensina-nos isso constantemente.

E ainda, depois dos referendos sobre o divórcio e o aborto, o que é que *don* Giussani fez? Prosseguiu nesta batalha ou transferiu toda a sua atenção para a batalha contra a redução do desejo operada pelo poder, exactamente porque sem desejo não há pessoa? É por isso que insistiu que o poder, através da exaltação da mentira como instrumento, reduz o desejo, tende a reduzir o desejo.

A arma do poder é a redução do desejo ou a censura de certas exigências. E isso – dizia – passou a ser mentalidade dominante: nós podemos defender os valores mas tendo reduzido os desejos.

Assim, perante estas coisas nas quais ele via faltar o eu por não se deixar provocar em toda a sua profundidade de “eu”, *don Giussani* falou do “efeito Chernobyl” para dizer a cada um de nós: “É como se já não existisse nenhuma evidência real a não ser a moda, porque a moda é um projecto do poder” (*L’io renasce in un incontro. 1986-1987*, Milão, Bur, 2010, p. 182).

Don Giussani identifica também duas consequências: 1) a vida cristã tem dificuldade em tornar-se “convicção”; 2) “em contrapartida, refugiamo-nos na companhia como se fosse uma protecção” (*id.*, p. 181).

Então é por isso, precisamente porque responde à provocação, que adquire todo o seu alcance a sua afirmação de 1987 de que “a pessoa se reencontra a si mesma num encontro vivo” (*id.*, p. 182). Esta não é uma frase espiritual, não é uma escapatória para deixar de responder às provocações. A questão é como estamos inseridos na realidade, se chegamos a permitir esse despertar do eu, sem o qual o poder nos pode deixar continuar com a nossa luta pelos valores e, entretanto, nos esvazia por dentro. E é por isso que não há descrição mais realista do que seja o homem que a que está contida no capítulo VIII de *Na Origem da Pretensão Cristã*. Nele se demonstra quem é Cristo, e se vê como qualquer outra tentativa pode parecer uma resposta a um aspecto do problema, mas não é uma resposta cristã; e por conseguinte não tem capacidade para responder a toda a dramaticidade do homem.

Depois cada um pode decidir o que fazer, mas o capítulo é um hino a isto, a esta compreensão sem a qual não faríamos – nem com toda a nossa agitação – nada que possa realmente responder a toda a dramaticidade da situação. Por isso, o texto da Escola de Comunidade diz: “Só o divino pode ‘salvar’ o homem, isto é, [todas] as dimensões verdadeiras e essenciais da figura humana e do seu destino” (p. 120). Só uma Presença pode levar a instintividade ao fim, responder à desordem humana; “‘Quem me libertará desta condição mortal?’. Esse grito [diz *don Giussani*] é a única origem para que um homem possa considerar seriamente a proposta de Cristo” (p. 140). Por isso, o capítulo VIII não é uma aula de espiritualidade ou de moral! É a documentação de quem é Cristo, porque “a religiosidade cristã surge como única condição do humano (...), sem a qual toda pretensão de solução [dos problemas humanos] é uma mentira” (p. 125, 144).

Percebam bem que agora não basta repetir esta frase ou trocá-la por outra e agitarmo-nos. Não, esta é a verificação que cada um de nós tem de fazer onde se encontra: se tudo isso nos serve a nós para viver e se serve para os outros, para todos os dramas com que a vida nos provoca todos os dias através das pessoas que estão ao pé de nós – se é capaz de responder à provocação da vida. Se não estivermos cientes disso, a nossa agitação não bastará e, por isso, o poder permite-nos esta agitação

– assim como assim, no fundo, quem detém o poder sempre há-de fazer uma lei qualquer! Mas se não se desperta a pessoa, se a pessoa não é despertada, é difícil não prevalecerem outras preocupações. Isso não quer dizer que, então, não se tomem mais iniciativas mas sim que, se não se der esse despertar do eu, seremos constantemente derrotados.

Aqui, de novo, podia-se dizer: “Mas, diante de certas provocações, alguma coisa teremos de fazer!”. A primeira coisa que é preciso fazer é avaliar a dimensão do problema – porque se tratamos um tumor com Aspirinas, pode ser uma resposta à provocação, mas até que ponto adequada? –, porque a dimensão do problema que o capítulo VIII descreve é de um tal calibre que não basta uma “Aspirina” qualquer. Só tomando em consideração a sua dimensão se percebe que acção é proporcional ao problema. E assim se percebe por que é que *don* Giussani insistiu tanto na personalização da fé: não é que não fosse realista ou não aceitasse as provocações da realidade!

Se não aprendermos com isto, estamos a repetir uma tentativa que já de si se mostrou falível, porque a tentativa iluminista de defender os valores sem Cristo não é cristianismo, é só Kant. Porque o Iluminismo não queria eliminar os valores cristãos, teve a ilusão de poder vivê-los e conservá-los sem Cristo.

É exactamente a este nível que se coloca a correcção da Escola de Comunidade: sem o divino, o humano e seus valores não se salvam. Só o divino é capaz de conservar todas as dimensões do humano, como estamos a ver. Salvar os valores sem Cristo: que Kant pensasse assim, eu percebo. O que me surpreende é que possamos pensar assim nós, depois de termos visto o resultado alarmante da história que nasceu do Iluminismo. Aquilo que agora vemos não é senão a prova do falhanço da tentativa de afirmar os valores sem Cristo. Que nós possamos pensar em sugerir o que já se provou historicamente falhado, permitam-me dizer, deixa-me estupefacto. Porque, no fundo, é o prevalecer em nós da mentalidade dominante, iluminista, de toda a gente. Mas isso não é o Movimento!

Ou recuperamos a origem, segundo todas as dimensões que a Escola de Comunidade nos põe à disposição, ou seremos absolutamente “ninguém” no mundo, porque significaria que o poder conseguiu reduzir as exigências do eu e nós acabaríamos por ser instrumentalizados para outros fins. Não esqueçamos que começámos todos com leis perfeitas, mas isso não bastou para impedir que a avalanche, numas décadas, deitasse tudo abaixo! E este é um dado histórico, pode-nos irritar ou não, mas não o alteramos com as nossas irritações. E se nós repetíssemos aquilo que já se provou ter falhado, pobres de nós!

Então, o valor do capítulo VIII é crucial exactamente por causa disto, porque nos oferece um olhar completo e realista sobre a real situação do homem e nos indica por onde se pode recomeçar;

significativamente, o Papa Francisco disse à revista *La Civiltà Cattolica*: “Não podemos insistir só sobre questões ligadas ao aborto, matrimónio homossexual e uso dos métodos contraceptivos. Isso não é possível. Eu não falei muito destas coisas, e fui censurado por isso. Mas quando se fala do assunto é preciso falar num contexto. O parecer da Igreja, de resto, já é conhecido, e eu sou filho da Igreja, mas não é necessário falar continuamente sobre isso. (...) Os ensinamentos, tanto dogmáticos como morais, não são todos equivalentes. Uma pastoral missionária não é obcecada pela transmissão desarticulada de uma multiplicidade de doutrinas a impor com insistência. O anúncio de tipo missionário concentra-se no essencial, no necessário, que é também aquilo que apaixona e atrai mais, aquilo que faz arder o coração, como aos discípulos de Emaús. Precisamos, portanto, de encontrar um novo equilíbrio, senão, até o edifício moral da Igreja corre o risco de se desmoronar como um castelo de cartas, de perder a frecura e o perfume do Evangelho. A proposta evangélica deve ser mais simples, profunda, irradiante. É dessa proposta que, depois, vêm as consequências morais” (“Entrevista do Papa Francisco”, por A. Spadaro, *La Civiltà Cattolica*, III/2013, pp 463-464). E à luz dessa preocupação, na *Evangelii Gaudium*, o Papa reforça: “O problema maior ocorre quando a mensagem que anunciamos parece, então, identificada com tais aspectos secundários que, apesar de serem relevantes [secundários não quer dizer que não sejam relevantes], por si sós não manifestam o coração da mensagem de Jesus Cristo. Portanto, convém ser realistas e não dar por adquirido que os nossos interlocutores conhecem o horizonte completo daquilo que dizemos e que eles possam relacionar o nosso discurso com o núcleo essencial do Evangelho que lhe confere sentido, beleza e fascínio” (34). Acham que *don* Giussani não poderia subscrever tudo isso?

Quando, em 2004, Giussani escreveu a João Paulo II que queria simplesmente recuperar os “aspectos elementares do cristianismo, ou seja, a paixão pelo facto cristão (...) nos seus elementos originais, e só” (*Passos*, Abril de 2004, p. 2), estava a dizer a mesma coisa. Bastava ter presente um dos primeiros livrinhos do Movimento, *Traços de Experiência Cristã*. Mais elementar que aquilo não há nada.

Leio, ainda, da *Evangelii Gaudium*: “O anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário. A proposta simplifica-se, sem com isso perder profundidade e verdade, e assim se torna mais convincente e radiante” (35). O verdadeiro desafio é se isso acontece, porque nós fomos escolhidos para poder testemunhá-lo, para mostrar este brilho com o qual se pode despertar a pessoa. “Todas as verdades reveladas procedem da mesma fonte divina e são acreditadas com a mesma fé, mas algumas delas são mais importantes para exprimir mais directamente o coração do Evangelho” (36).

Na missa por *don* Giussani, quando o Cardeal Scola perguntou como é possível responder a todos os desafios da vida, disse-nos: “Testemunho e transmissão”. Falou do testemunho de uma vida e vemos entre nós muitos exemplos de como essa vida se transmite. Por isso contei tantas vezes o episódio, para mim extremamente esclarecedor, das mulheres da Rose, no qual vemos que mesmo um valor tão decisivo como é o valor da vida se pode eclipsar e que só no encontro cristão é despertado em toda a sua beleza. Inicialmente a Rose tinha pensado responder à provocação que fora para ela o impacto com a doença (a SIDA) de algumas mulheres de Kampala, ajudando-as a conseguir os remédios, mas depressa viu que isso não bastava porque, depois de os tomarem algumas vezes, desistiam e deixavam-se morrer. Assim, consciente de que só o divino salva todas as dimensões do humano, começou a anunciar-lhes Cristo e isso despertou naquelas mulheres a consciência do valor das suas vidas porque abraçadas e amadas pelo Mistério. Consequentemente, recomeçaram a tomar os remédios. Vimos também acontecer essa mesma dinâmica em muitos entre nós, como a Natasha ou os reclusos de Pádua, que são um testemunho da maneira como podemos, hoje, defender sem ambiguidades a vida e a sua dignidade infinita.

Reflectir sobre estas coisas parece-me crucial se não quisermos perder o norte.